



CARA A CARA

Cada candidato, participante do encontro promovido pelo CORREIO, afiou as garras para fazer perguntas aos demais convidados. Os temas variaram muito, mais do que se podia imaginar. Até mesmo aqueles do mesmo partido procuraram colocar os colegas em armadilhas disfarçadas. Mas os candidatos já têm respostas preparadas para fugir dos piores botes. No final, sobressai-se um duelo de argumentações inteligentes. Mesmo entre os candidatos de esquerda (como Tolentino e Chico Vigilante) não houve jogo facilitado, de cartas marcadas. No confronto cara-a-cara, o PT atacou o PMDB, e o PMDB duvidou dos propósitos puristas do PT. Depois dessa experiência, os candidatos viram que a campanha fora do palanque é dura.

PMDB DUVIDA DO PT

Tolentino x Chico (e Frejat)

Fernando Tolentino — Chico, o PT e o PDT defendem o pluralismo sindical. Como o PT veria, na zona canavieira de Pernambuco, uma greve de canavieiros, havendo lá um sindicato de trabalhadores assalariados e, ao mesmo tempo, um sindicato de jagunços que defendem os interesses patronais?

Chico Vigilante — Eu lamento que o companheiro Tolentino, um homem de esquerda, não conheça a proposta do Partido dos Trabalhadores. Quanto ao PDT, não tenho procuração para responder pelo partido. Mas os companheiros do PDT que militam na luta sindical não advogam o pluralismo. A proposta do PT não é favorável, de maneira alguma, à divisão dos trabalhadores. A proposta da CUT, do Partido dos Trabalhadores e dos militantes do PDT é pela existência de um único sindicato por ramo de atividade. Esse negócio de que o PT defende a existência de vários sindicatos por ramo ideológico é mentira. Tentam imputar esta tese ao partido, mas isto não existe. A nossa luta é pelo sindicato único e pela Central Única dos Trabalhadores. Por isto, peço ao companheiro Tolentino que estude a nossa proposta sindical, pois as-

sim constatará o que temos defendido.

Um fato, no entanto, precisa ficar claro: as pessoas nos acusam de defender o pluralismo porque o PT defende a convenção 87 (documento firmado pela Organização Internacional do Trabalho OIT — que assegura a livre associação em organizações sindicais sem interferência do Estado) no que ela tem de bom. Isto não quer dizer que, com ela aplicada, iremos dividir os trabalhadores brasileiros. Com a aplicação da convenção 87 teremos sindicatos livres, independentes do Estado, dos partidos políticos e dos credos religiosos.

Fernando Tolentino — O que a convenção 87 defende é exatamente o pluralismo sindical que a caracteriza: o regime sindical numa social-democracia. Ao contrário, nós defendemos a unicidade do movimento sindical com o desatrelamento do sindicato do aparelho de Estado. Sindicatos realmente livres, fortes, inclusive com horário gratuito em rádio e televisão para que suas teses possam ser defendidas. Mas um único sindicato para cada categoria, de

forma a que os trabalhadores não possam se equivocar ao escolher essa entidade para defender seus interesses.

Jofran Frejat — A questão sindical no Brasil precisa sair da discussão de cúpula para reiniciar um trabalho de base. O que nós vemos, hoje: alguns sindicatos que se fizeram fortes, como o dos metalúrgicos, estabelecem as suas questões, conseguem fazer os seus movimentos e fixam critérios de negociação. Já os sindicatos fracos, como o dos alfaiates, mal conseguem se reunir, mal conseguem levar as suas reivindicações à cúpula. Se fosse possível conseguir agrupar todos os trabalhadores em uma central sindical, isto seria uma medida de extrema força de pressão, contra o sistema. Mas não é fácil, porque embora as bases assim o desejem, as cúpulas se racham na tentativa de manter o domínio sobre as bases. E este é o ponto de estrangulamento da questão sindical no Brasil. Lamentavelmente, as cúpulas não deixam que as bases se manifestem. Na maioria das vezes, um pequeno grupo decide pela maioria, sem que essa maioria possa se manifestar. Esse panorama precisa ser modificado.